

O céu estrelado do Mato Grosso do Sul: ensaio de astrotoponímia

(The starry sky of Mato Grosso do Sul: an essay on astrotoponymy)

Alessandra Cirrincione¹

¹Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

alessandracirrincione@usp.br

Abstract: Astrotoponymy is a line of research consolidated in the European Universities: constellations and galaxies are regarded as places in the sky space. As the place names of our planet, they have their own names. This paper is a pioneer one in this specific field of studies in Brazil, because for the very first time the starry sky is a matter of investigation in the area of Onomastics. This essay aims at identifying how the linguistic communities of Mato Grosso do Sul create their own anthrop-cultural universe. The *corpus* under analysis consists of denominations listed in two letters taken from the lexical-semantic survey of *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS), namely, QSL 0035.a – *três marias* (Three Marias) and QSL 0036.a – *via láctea* (Milky Way).

Keywords: astrotoponymy; universe; culture; communities; lexicon.

Resumo: Pesquisas de astrotoponímia são consolidadas nas universidades europeias: constelações e galáxias são lugares no espaço sideral e têm nomes próprios, exatamente como os acidentes geográficos do nosso planeta. O presente trabalho é pioneiro no âmbito dos estudos toponímicos no Brasil, porque pela primeira vez o céu estrelado é objeto de investigação. O objetivo principal deste ensaio é o de verificar de que maneira as comunidades linguísticas de MS constroem seu universo antrop-cultural. O *corpus* em exame é constituído pelas ocorrências resultantes de duas cartas do questionário semântico-lexical do *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS), nomeadamente, QSL 0035.a – *três marias* e QSL 0036.a – *via láctea*.

Palavras-chave: astrotoponímia; universo; cultura; comunidades; léxico.

Introdução

Os estudos de astrotoponímia do sistema solar constituem, no contexto mais amplo dos estudos onomásticos, uma linha de pesquisa veiculada nos meios acadêmicos europeus através de congressos e revistas próprias, conforme resulta do site do RION-LION, Laboratório Internazionale di Onomastica.¹

Constelações e galáxias são lugares no espaço sideral: têm nomes próprios, à semelhança dos acidentes geográficos do nosso planeta, e podem ser tratados como topônimos, ou, mais exatamente, como astrotopônimos. Este trabalho visa a viabilizar um estudo de astrotoponímia no âmbito dos estudos de toponomástica no Brasil.

O objetivo principal da pesquisa, que é uma aplicação prática de um artigo de Barbosa (2009), “Diversidade étnica: a multiconceptualização do mundo”, é o de evidenciar de que forma os vários grupos étnicos reelaboram o universo dos fatos naturais, gerando, cada um, seu próprio universo antropocultural e seu próprio universo de signos.

¹ < http://www.onomab.eu/content.asp?item=rion_it-14k >.

Para analisar a passagem do universo natural ao universo cultural e ao universo dos signos, foram utilizadas as ocorrências de duas cartas do questionário semântico-lexical do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), nomeadamente, QSL 0035.a – três marias e QSL 0036.a – via láctea.

A última parte do ensaio é dedicada ao exame de alguns elementos de comparação relativos à interpretação do céu estrelado pelas comunidades linguísticas de MS e por alguns grupos ameríndios estudados por Lévi-Strauss.

A aprendizagem da cultura

Lopes, na esteira de Lévi-Strauss, distingue entre universo da natureza e universo da cultura. O primeiro é o domínio das coisas naturais e o segundo é o universo das práticas sociais, ou seja, o domínio da cultura (LOPES, 2008, p. 15).

Lopes afirma que pertence ao universo da cultura tudo aquilo que o homem foi acrescentando à natureza através de seu trabalho transformador (LOPES, 2008, p. 15), ou seja, tudo aquilo que não é hereditário, mas que é aprendido pelo homem e, no seu entender,

A aprendizagem, a conservação, a transformação da cultura e a transmissão da cultura se realizam através de uma série de *práticas sociais*. As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de *sistemas de signos* para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para outra. (LOPES, 2008, p. 15)

Os signos são suportes materiais de comunicação entre os homens e, ao mesmo tempo, são o meio de expressão da relação entre o homem e o mundo externo.

O homem é um ser social e a vida em sociedade faz com que ele assimile o sistema de valores do grupo social em que vive, ou seja, a ideologia do grupo social ao qual pertence.

Sapir, ao conceituar a linguagem, afirma ser esta uma função social e não uma herança biológica, orgânica e instintiva, como, por exemplo, o ato de andar (SAPIR, 1971, p. 18). A criança não fala apenas por ser fisiologicamente predisposta a falar, ela fala porque a linguagem é uma função social adquirida, uma função cultural.

Sapir motiva a sua afirmação, dizendo que uma criança, transplantada do seu meio social de origem para outro, aprenderá a andar sem dificuldade alguma, mas aprenderá a falar a língua do novo ambiente no qual foi inserida (SAPIR, 1971, p. 16-17). Ao aprender a língua, aprenderá, como consequência, a cultura do novo grupo, uma vez que

[...] o comportamento dos indivíduos sociais é duplamente *programado* (no sentido cibernético):

- (a) por um *código genético* herdado de seus antepassados;
- (b) por um *código linguístico-ideológico*, aprendido do seu grupo (LOPES, 2008, p. 17).

O universo natural ou fenomênico é recriado pelos diferentes sistemas linguísticos. Os mitos, que traduzem crenças de todas as culturas (BIDERMAN, 1998, p. 84), são tipos de linguagens que revestem um importante papel social: são, empregando a terminologia utilizada por Lopes, sistemas de signos *modelizantes* porque imprimem nos indivíduos que pertencem ao mesmo grupo social a mesma *imago mundi* (LOPES, 2008, p. 19).

A palavra passa, assim, a ter uma dimensão cognitiva, uma vez que as coisas do mundo real podem ser identificadas e nomeadas: “[...] a denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1988, p. 88).

As Três Marias e a Via Láctea

A Astronomia define a Via Láctea como a galáxia na qual está localizado o sistema solar da Terra e as Três Marias como estrelas da constelação de Órion (ou Oriente), o caçador da mitologia grega, imortalizado entre os astros por vontade de Zeus.



Figura 1. A constelação de Órion, o caçador

A Via Láctea é uma imensa galáxia de quatro braços: o menor deles é a constelação de Órion. A cintura do caçador é formada pelas Três Marias, ou, las tres Marias, em espanhol (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257), e delas parece pender uma espada, denominada nebulosa de Órion, razão pela qual as Três Marias são denominadas também Cinturão de Órion, além de serem conhecidas com o nome de Três Reis Magos, ou, los três Magos, em espanhol, e Jacobstab, a espada de Jacó, em alemão (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257).

As definições científicas não são particularmente significativas para a maioria dos falantes de uma comunidade, que desconhecem a norma culta da língua ou têm pouca familiaridade com ela. Essa camada de falantes é sempre majoritária no contexto das comunidades linguísticas, que, para se comunicar, utiliza falares ou dialetos, isto é, variedades linguísticas não standardizadas, objeto de investigação da Geolinguística.

As duas cartas semântico-lexicais do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), objeto de análise deste artigo, nomeadamente, QSL 0035.a – três marias e QSL 0036.a – via láctea, evidenciam a concepção que a comunidade dos falantes do Mato Grosso do Sul tem do céu estrelado.

O ALMS, organizado por Dercir Pedro de Oliveira e publicado em 2007, é constituído de 207 cartas linguísticas, sendo 47 cartas fonéticas, 7 cartas morfossintáticas e 153 cartas semântico-lexicais. O questionário, aplicado em trinta e duas localidades, cada qual com quatro informantes, contém 15 temas, listados à página 29 do próprio atlas. As cartas, objeto de análise deste trabalho, pertencem à temática dos fenômenos atmosféricos (OLIVEIRA, 2007, p. 20). Os pesquisadores do atlas realizaram a transcrição das respostas de seus informantes empregando o método grafemático. As últimas páginas do ALMS apresentam um comentário significativo de Ferreira:

O léxico das diversas regiões do MGS nos mostra as variações de usos linguísticos, de acordo com a origem regional e/ou social do falante. Nele são encontradas caracterís-

ticas linguístico-culturais importantes representativas da identidade cultural do Estado. (2007, p. 251)

A Via Láctea e as Três Marias: lendas e tradição cristã

Saber ler o céu estrelado é competência dos astrônomos por necessidade de ofício, é prerrogativa dos marinheiros e dos povos do deserto que, individuando pontos fixos na abóbada celeste, não perdem a rota e a orientação. Saber prever fenômenos naturais cíclicos, ligados à presença de determinados astros e estrelas no céu, é um conhecimento indispensável para o homem do campo, que cuida da sua plantação.

A necessidade de desenhar mapas celestes remonta às épocas mais remotas: as antigas civilizações passaram a denominar astros, estrelas, constelações e planetas com nomes de animais, monstros, heróis, deuses e personagens relacionados com seus mitos, tradições e lendas.

Desde a antiguidade, os seres humanos transportaram a mitologia para o céu, movidos pela necessidade de enxergar algo conhecido e familiar na imensidão do espaço misterioso do firmamento e, assim, criaram uma história para cada constelação e para cada estrela. Uma das histórias mais bonitas sobre estrelas é a lenda das Três Marias.

Relatos da tradição cristã sobre os acontecimentos que se verificaram na pequena comunidade cristã da província romana da Judeia referem que, por volta de 42 d.C, após a crucificação, alguns seguidores de Jesus foram deixados em alto mar em embarcações sem remos.

Em uma dessas embarcações estavam Maria Madalena, Maria Jacobé, Maria Salomé (as mulheres que encontraram o sepulcro de Cristo vazio) e Sara, a serva egípcia delas, homenageada pelo hagiológico católico-romano no dia 19 de maio e nos dias 24 e 25 de maio pelos ciganos, dos quais é a santa protetora.

O barquinho, sem rumo e sem remos, atravessou milagrosamente o Mar Mediterrâneo e chegou à pequena cidade francesa de Petit-Rhône, a atual Saintes-Maries-de-La-Mer, assim denominada em homenagem às Santas Marias.

A história das Marias é contada em *La Légende Dorée*, obra em latim, escrita por Jacques de Voragine entre 1261 e 1266, que relata a vida de 180 santos, santas e mártires cristãos, bem como alguns episódios da vida de Cristo e da Virgem, conforme o calendário litúrgico.

O livro de Voragine era muito conhecido e lido pela classe culta na Idade Média. Alguns escritores franceses do século XIX retomaram o texto latino original e traduziram-no para o francês. Há muitas traduções do relato original disponíveis para *download* no *site booksgoogle*.²

A denominação Caminho de São Tiago, designativo popular da Via Láctea, liga-se à lenda das Três Marias. Conforme a tradição, Maria Salomé tinha dois filhos:

Saint Jacques est appelé le Majeur : cette épithète lui venant de sa qualité d'aîné, car il est le frère aîné de l'apôtre Jean, et tous deux sont surnommés Boanerges, c'est-à-dire fils

² <<http://www.booksgoogle.com.br>>

du tonnerre (Mc III; 17). Cela permet aussi de le distinguer de l'autre apôtre Jacques, fils d'Alphée.³

A tradição cristã relata que as relíquias de São Tiago foram transportadas (ou encontradas, conforme outras versões) para (em) Compostela, na Galícia (Espanha), meta de peregrinos desde a Idade Média, embora os historiadores digam não haver provas que sustentem a afirmação.

A Via Láctea, ou Caminho de Santiago, visível em noites límpidas e sem lua na vastidão do céu do Mato Grosso do Sul, é uma franja esbranquiçada que atravessa o céu de ponta a ponta. Essa estrada de estrelas foi interpretada de várias formas: como um caminho que levava as almas à morada dos deuses ou como a marca deixada pelo Sol no firmamento durante o seu percurso diurno. Os gregos diziam que era o leite de Hera derramado pelo céu.

Corpus

QSL 0035.a – três maria; três marias; três maria; seti istrela; seti maria; cruzeru; cruzeru do sul; três istrela; seti cabrilha; três salomãu; seti istrelas; três ave maria; três mais; avi maria; três avi maria; três irmã; cruzeiro do sul; seti marias; três gêmeas; istrela gêmea; istrela dalva; rosáriu di maria imaculada; três reis magu.

QSL 0036.a – via láctea: caminhu di santiagu; rabu di galu; cruzeru; camin di santiagu; camin di oru; cova di adão i eva; covas di adão; cruzeiro do sul; rabu di pexe; corpu da nossa sinhora; cova di adão; caminhu di santiágua; pão di cada dia; caminhu di são tiagu; cova du adão i eva; mantu di nossa senhora; cruzeru do sul; são francisco; túmulo di adão i eva; adão i eva; avistruiz na noiti istrelada; camin santiagu; mulher; caminhu di são jorgi; névia, nuvi, alcu; véu.

O *corpus* é constituído exclusivamente de variações, cuja importância no contexto do léxico de uma língua é evidenciada por Ferreira:

As variações demonstram a identidade regional e sociocultural dos usuários de uma mesma língua. A descrição dessas variantes linguísticas permite que se conheçam as diversas formas de nomeação existentes na riqueza lexical dos seus falantes. Mostram, ainda, que as diferentes comunidades, embora morem em um mesmo país, compreendem o mundo de diversas maneiras, de acordo com seus costumes e da sua região, e isso é totalmente refletido em seu modo de falar. Cada falar é diferente, possuindo características particulares que o definem. Sendo a língua o fundamento básico da cultura de um povo, a maneira com que se expressa reflete a sua cosmovisão e suas aspirações. (FERREIRA, 2007, p. 251)

A análise do *corpus* é realizada em dois níveis: o primeiro foca a riqueza de temas que transparecem das unidades lexicais utilizadas pelos informantes e o segundo, visando identificar as características do universo dos fatos naturais e o universo antropocultural das comunidades linguísticas de MS, vale-se das taxionomias toponímicas de Dick (1992, p. 31-34).

³ <<http://www.wikipedia.fr>>

Análise dos temas do *corpus*

Ferreira relata que os falares dos sujeitos entrevistados para a elaboração do ALMS utilizam um léxico detalhado em matéria de fauna, flora, objetos e outros aspectos, que têm importância vital para uma determinada comunidade (FERREIRA, 2007, p. 251).

Esse elemento característico é facilmente identificável nas ocorrências zoomórficas: *rabu de galo*, *rabu de peixe* e *avistruiz na noiti istrelada*, presentes na carta QSL 0036.a – via láctea e *seti cabrilha*, presente na carta QSL 0035.a – três marias, que evidenciam a influência arquetípica do ecossistema. Em termos percentuais, porém, as cartas em exame privilegiam a religiosidade popular, além de não serem homogêneas quanto aos temas, como resulta da tabela a seguir:

Tabela 1. Tabela sinótica dos temas das cartas

QSL 0035.a – três marias		QSL 0036.a – via láctea	
Temas	%	Temas	%
Religiosidade popular	50%	Religiosidade popular	58%
Zoomorfismo	5%	Zoomorfismo	13%
Parentesco	17%	Antropomorfismo	8%
Astronomia	28%	Fenômenos da natureza	13%
—		Mineralogia	4%
—		Manufaturados	4%

O ALMS visa à recolha das variações linguísticas, mas não tece comentários específicos sobre as unidades lexicais de cada carta. No contexto da nossa pesquisa pareceu-nos interessante comentar os temas que emergem das unidades lexicais das cartas em exame.

O tema da religiosidade popular emerge dos designativos de caráter onomástico da carta QSL 0036.a – via láctea: *caminhu di santiagu*; *camin di santiagu*; *caminhu di santiagua*; *caminhu di são tiagu*, *camin santiagu*, *caminhu di são jorgi*.

Camin de oru é um designativo que revela, na motivação, raízes mitológicas clássicas, herdadas pelas populações do ocidente europeu: os gregos diziam que era a marca deixada pelo Sol no firmamento durante o seu percurso diurno. Do ponto de vista linguístico, *camin* é um arcaísmo, presente também no linguajar de Minas Gerais.

Na carta QSL 0035.a – três marias, a devoção mariana é expressa por unidades lexicais que se referem ao ato de orar: *três ave maria*; *avi maria*; *três avi maria*; *rosáriu di maria imaculada*, ao culto às Santas: *três maria*; *três marias*; *três maria*; *seti maria*, *três mais*; e às figuras bíblicas: *três reis magu*, *três salomãu*.

A variação linguística *três reis magu* corresponde na norma culta da língua aos Três Reis Magos, denominação de uso difuso e comum para designar as Três Marias, mas o designativo *três salomãu* é bastante insólito e parece, aparentemente, revestir conteúdo local, assim como *sãu franciscu* da carta QSL 0036.a – via láctea se liga, provavelmente, a formas devocionais locais.

O culto popular à Virgem se manifesta nitidamente na mesma carta através das unidades lexicais *corpu da nossa sinhora* e *mantu di nossa senhora*.

Inesperada, e por isso particularmente interessante, é a variação *adão i eva* da carta QSL 0036.a – via láctea, que evidencia certa consciência bíblica da origem da estirpe humana, ao passo que as outras ocorrências relacionadas com o lugar da sepultura dos ancestrais do gênero humano (ex.: *cova di adão i eva; covas di adão; cova di adã; cova du adão i eva*) sugerem a ideia da redenção dos antepassados pecadores, a reconquista do paraíso perdido e o *status* que só tradição e lendas conferem, também porque a Bíblia não oferece indicações relativas à localidade na qual foram sepultados Adão e Eva.

O exame das cartas põe em evidência a preocupação com a labuta da vida cotidiana, *pãu de cada dia* (QSL 0036.a – via láctea), que evoca na mente do leitor uma das frases mais significativas do Pai Nosso: “[...] o pão nosso de cada dia nos dai hoje [...]”. Nesse sentido, a vida cotidiana e a luta pelo sustento ligam-se ao tema da religiosidade, aqui representado pelos valores cristãos da oração que Jesus ensinou a seus discípulos e não pela referência ao culto da Virgem ou dos Santos.

A identidade de dimensões das Três Marias é expressa através da relação de parentesco *três gêmeas* e *três irmã* (QSL 0035.a – três marias). Mais complexo é o exame do designativo *mulher* (QSL 0036.a – via láctea): por analogia com *véu* transmite a ideia de uma realidade oculta, toda a descobrir, de modéstia e recato, através do qual a poesia romântica e a iconografia popular identificam a figura feminina, mas trata-se apenas de uma hipótese bastante vaga.

Alguns entrevistados identificam a Via Láctea com o Cruzeiro do Sul: *cruzeru, cruzeiro do sul, cruzeru du sul* (QSL 0036.a – via láctea), outros identificam a Via Láctea com a *nevia*, denominação que descreve eficazmente uma neblina impalpável. A carta QSL 0035.a – três marias evidencia a identificação, pelos entrevistados, das Três Marias com a *istrela dalva*, com o *cruzeru, cruzeiro du sul; cruzeiro do sul*.

Muito intrigante é o designativo *alcu* (QSL 0036.a – via láctea), provável variação de *arcu*, ou seja, arco-íris, mas trata-se somente de uma hipótese a ser pesquisada com maior profundidade.

Todas as variações registradas pelas cartas QSL 0035.a e QSL 0036.a, como, por exemplo, *caminhu de santiagu, camin de santiagu, caminho di santiágua, caminho di sãu tiagu, caminho de sãu jorgi, camin di oru*, apresentam notável semelhança com os topônimos: são todos astrotopônimos, que podem ser categorizados, aplicando o método da análise toponímica.

Análise taxionômica

O elemento fundamental da teoria de Dick é a dupla motivação do signo toponímico, que transparece da intencionalidade que anima o denominador na escolha do nome atribuído ao acidente geográfico e da origem semântica da denominação que revela, de modo transparente ou opaco, procedências linguísticas diversas e diferenciadas (DICK, 1992, p. 18).

O modelo taxionômico criado por Dick (1992) é um instrumento de trabalho que permite aos pesquisadores que o utilizam “[...] a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos [...]” (p. 26) e os auxiliam a analisar a distribuição qualitativa deles (p. 27).

As taxionomias toponímicas são de dois tipos: de natureza física e de natureza antro-po-cultural, como evidenciado pela autora delas:

Aceitando-se a repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequência – a física e a antro-po-cultural – pode-se acatar a mesma duplicidade de visão para o enquadramento dos topônimos e, dentro desta bi-compartimentação, situar as modalidades particularizante, através da formulação de uma terminologia técnica, composta do elemento “topônimo”, antecedido de um outro termos genérico, definidor da respectiva classe onomástica. Este elemento deverá conter a suficiente explicitação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha, em uma lista de comando virtual. (DICK, 1992, p. 26)

Para analisar os astrotopônimos do *corpus* em objeto foram utilizadas as vinte e sete taxionomias criadas por Dick (1992, p.31-34), obtendo resultados satisfatórios, registrados no quadro a seguir.

Quadro 1 : taxionomias de natureza antropocultural e de natureza física

QSL 0035.a – três marias Designativos	TAXIONOMIAS	
	de Natureza Antro-po-Cultural	de Natureza Física
três maria	Numerotopônimo	
três marias	Numerotopônimo	
três maria	Numerotopônimo	
seti istrela	Numerotopônimo	
seti Maria	Numerotopônimo	
cruzeru	Hierotopônimo	
cruzeru du sul	Hierotopônimo	
três istrela	Numerotopônimo	
seti cabrilha	Numerotopônimo	
três salomãu	Numerotopônimo	
seti istrelas	Numerotopônimo	
três avi maria	Numerotopônimo	
três irmã	Numerotopônimo	
cruzeiro do sul	Hierotopônimo	
seti marias	Numerotopônimo	
três gêmeas	Numerotopônimo	
istrela gêmea		Astrotopônimo
istrela dalva		Astrotopônimo
rosário de maria imaculada	Hierotopônimo	
três reis magu	Numerotopônimo	
caminhu di santiagu	Odotopônimo	
rabu di galu	Somatotopônimo	
cruzeru	Hierotopônimo	
camin di santiagu	Odotopônimo	
camim di oru	Odotopônimo	
cova di adãu i eva		Geomorfotopônimo
covas di adão		Geomorfotopônimo

QSL 0035.a – três marias Designativos	TAXIONOMIAS	
	de Natureza Antropo-Cultural	de Natureza Física
cruzeiro do sul	Hierotopônimo	
rabu di peixe	Somatotopônimo	
corpu da nossa sinhora	Somatotopônimo	
cova di adão		Geomorfotopônimo
caminhu di santiágua	Odotopônimo	
cova du adãu i eva		Geomorfotopônimo
pãu di cada dia	Dirrematopônimo	
mantu di nossa senhora	Hierotopônimo	
cruzeru du sul	Hierotopônimo	
são franciscu	Hagiotopônimo	
túmulu di adãu i eva		Geomorfotopônimo
adãu i eva	Antropotopônimo	
avistruiz na noite istrelada		Zoomorfotopônimo
camim santiagu	Odotopônimo	
mulher	Antropotopônimo	
caminhu di são jorgi	Odotopônimo	
névia		Metereotopônimo
nuvi		Metereotopônimo
alcu (=arco-íris)		Metereotopônimo
véu	Ergotopônimo	

A análise taxionômica evidencia o predomínio das taxionomias de natureza antro-po-cultural, que respondem por 77% do total, contra os 23 % das taxionomias de natureza física. Individualmente, a repartição percentual das taxes é a seguinte:

Tabela 2. Taxes em percentual

Taxes	%
Antropotopônimos	5%
Dirrematopônimos	2%
Ergotopônimos	2%
Geomorfotopônimos	11%
Hagiotopônimos	2%
Hierotopônimos	18%
Metereotopônimos	7%
Numerotopônimos	32%
Hodotopônimos	14%
Somatotopônimos	7%

Finalizando a análise taxionômica, achamos pertinente esclarecer algumas escolhas que nortearam a inserção das seguintes unidades lexicais na categoria dos geomorfotopônimos: *cova di adão i eva*; *covas di adão*; *cova di adão*; *cova du adão i eva*; *túmulu di adãu i eva*.

O Geomorfotopônimo é uma classe onomástica de natureza física, que reúne topônimos relativos à morfologia do solo, tais como, montanhas, morros, formações litorâneas e de origem fluvial (DICK, 1992, p. 31).

Túmulos e covas não são elevações ou depressões naturais do terreno, mas sim artefatos humanos e, enquanto tais deveriam pertencer, a rigor, às taxionomias de natureza antropro-cultural.

A mão do homem modifica com frequência os fatos da paisagem, incorporando a esta elementos novos, que antes não existiam, ou modificando os existentes: era costume dos judeus dos tempos bíblicos – mantido na época em que a Judeia era uma província do império romano, conforme se depreende do sepultamento e da ressurreição de Cristo nos relatos dos quatro Evangelistas – cavar na rocha das montanhas os sepulcros para seus entes queridos e selar o ingresso com uma grossa pedra.

O ALMS não oferece elementos que ajudem a identificar de que forma os falantes de MS imaginam que possam ter sido sepultados Adão e Eva. Optamos, portanto, pela sistematização de *túmulo* e *cova(s)* na categoria dos geomorfotopônimos.

Transparência e opacidade das unidades lexicais das cartas: um exemplo ilustrativo

Santos (2006), em seu artigo “Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas linguísticos regionais brasileiros”, evidencia a importância da teoria de Mario Alinei, relativa a quatro concepções de realidades, indicativas de fases diferentes da evolução da humanidade.

A primeira, zoomórfica (ou totêmica), corresponde ao período pré-histórico da Europa.

A segunda corresponde a uma visão antropomórfica da realidade, que permanece na terceira concepção, complementada por uma forma cristã ou islâmica, ou seja, “[...] In the Christian area, the introduction of a ‘saint’ is the most common transformation, often leaving the rest of the previous motivation intact” (ALINEI, 2002, apud SANTOS, 2006, p. 86).

Quanto à quarta concepção, Alinei afirma que o desenvolvimento da cultura moderna “[...] contribuiria para a difusão das línguas nacionais, que, por sua vez, privilegiam nomes despersonalizados (ex. arco-íris) que se tornaram total ou parcialmente opacos para o falante” (ALINEI, 2002, apud SANTOS, 2006, p. 86-87).

O conceito de transparência e opacidade é formalizado por Sapir (1961, p.48) e por Ullmann (1987, p.196). Este último, em particular, afirma que todas as línguas contêm palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes e concluem que no desenvolvimento de uma língua operam continuamente duas tendências opostas: muitas palavras perderam a motivação, enquanto outras, que eram, ou tinham se tornado opacas, se tornam transparentes com o passar do tempo (ULLMANN, 1987, p. 196).

Com base nesta teoria, pode-se afirmar que no português-brasileiro a variação sul-mato-grossense *três mais* (QSL 0035.a – três marias) é opaca para os nativos de outros

estados, mas pode ser entendida e analisada por estudiosos de história linguística, lexicólogos e lexicógrafos. *Três mais* (QSL 0035.a – três marias) é apenas uma das muitas variações de três marias, da qual desapareceu o /r/ por efeito da variação fonético-fonológica.

A formação do léxico regional de Mato Grosso do Sul e as denominações das estrelas

Holanda relata que, desde 1622, grupos armados de paulistas “[...] trilharam constantemente terras hoje mato-grossenses, preando índios ou assolando povoações de castelhanos” (HOLANDA, 2000, p. 43). Em suas passagens e incursões, esses grupos deixaram marcas na expressão linguística local. Alguns séculos mais tarde, migrações internas de paulistas, mineiros, paranaenses, nordestinos e gaúchos e a chegada de imigrantes europeus, mormonte, portugueses e espanhóis, contribuíram para a formação do léxico regional.

Em 1979, o governo dividiu o estado do Mato Grosso em dois estados diferentes: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Este último ocupa a área centro-oeste do Brasil. Na época da divisão do estado, “[...] cerca de 36% da população de Mato Grosso do Sul era constituída por migrantes oriundos de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná” (NOGUEIRA, 1996, p. 78).

Ao intenso processo migratório deve-se acrescentar o fator do isolamento da área respeito aos grandes centros metropolitanos naqueles anos e

[...] a convivência permanente com dois países latino-americanos limítrofes, a República do Paraguai e a Bolívia, com os quais, há longos anos, convivemos em regime de trocas comerciais e culturais, o que propicia a manutenção dos falares típicos da fronteira. (NOGUEIRA, 1996, p. 78)

É provavelmente pela miscigenação étnico-cultural que nas cartas em exame aparece uma unidade lexical bastante surpreendente: *avestruz na noite istrelada*. A avestruz não é uma ave pertencente à fauna de MS. A ave de grandes dimensões, típica do continente sul americano, é a ema. O dicionário Houaiss registra as entradas *avestruz* e *ema* como segue:

avestruz *s.2g.* 1. ORN ave da fam. dos estrutionídeos (*Stuthio camelus*), encontrada nas planícies áridas da África e Arábia, com cerca de 2,5 m de altura, pernas longas e fortes, pés com apenas dois dedos, cabeça e pescoço praticamente implumes [É a maior ave vivente]. 2. *RS* macho da *ema* (*Rhea americana*) [...] (HOUAISS, 2009, p. 229)

ema *s.f.* (sXIV) 1. ORN ave reiforme da fam. dos réideos (*Rhea americana*), que vive em regiões campestres e cerrados no Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil; com até 170 cm de altura, é a maior e mais pesada ave brasileira, de cabeça e pescoço cinza-pardescentos, partes inferiores brancas, cauda ausente e pés com três dedos; o macho possui a base do pescoço e o peito negros; churi, guaripe, nandu, nhandu, nhanduguaçu, xuri [O macho é responsável pela incubação de vários ovos, postos por diferentes fêmeas em um ninho escavado no solo, e também pelo cuidado com os filhotes] [...] (HOUAISS, 2009, p. 731)

A acepção 2 do verbete *avestruz* do dicionário Houaiss sublinha a origem gaúcha da unidade lexical *avestruz* para indicar o macho da ema e a acepção 1 do verbete *ema* do mesmo dicionário indica nitidamente a pertença da ema à fauna latino-americana.

A informação que nos dá o dicionário evidencia que os gaúchos fazem uma diferença de gênero, isto é, avestruz = macho da ema.

Concluimos que, provavelmente, o uso da unidade lexical *avistruz* no léxico sul-mato-grossense é de importação sul-rio-grandense, como direta consequência da imigração.

No contexto da carta QSL 0035.a - três marias, que contém unidades lexicais ligadas ao zoomorfismo, *seti cabrilhas* significa *sete cabritas*. As *sete cabrilhas* são, na realidade, as Plêiades, que as comunidades linguísticas do MGS confundem com as Três Marias.

Lévi-Strauss comenta a respeito das Plêiades que as denominações populares desse grupo de sete estrelas são *Chevrettes*, *Poussinière*, em francês; *Gallinelle*, em italiano; *Gluckehenne*, em alemão (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 255-256), todas as unidades lexicais de natureza zoonímica.

Beatriz Perrone-Moisés, tradutora do texto de Lévi-Strauss para o português, acrescenta em rodapé uma N.T. assinalando que em português as Plêiades são conhecidas também pelas denominações: *sete-estrela*, *sete-cabrinhas*, *enxame* (PERRONE-MOISÉS, 2002, apud LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 256).

As cartas em exame contêm exclusivamente denominações de origem europeia, que a toponímia define: nomes transplantados. O mesmo conceito se estende aos astrotopônimos:

Um topônimo transplantado é um designativo geográfico que existe em determinado espaço e que passa a integrar a nomenclatura de outra região qualquer, trazido pelo povo que emigrou, ou influenciado por um mero mimetismo. Nesta noção está implícito o sentido de “deslocamento” ou “mudança”. (DICK, 1992, p. 90)

As cartas QSL 0035.a – três marias e QSL 0036.a – via láctea registram uma forma de nomear peculiar do homem do ocidente europeu, ibérico, mais especificamente.

As cartas em exame não revelam resíduos de línguas indígenas na denominação das estrelas, contrariamente ao inventário toponímico dos fatos da paisagem brasileira, tão rica em topônimos de origem tupi.

A denominação de pessoas e de lugares, inclusive das estrelas, é sempre motivada e, ma maioria das vezes, obedece a padrões arquetípicos, retratando valores étnico-culturais, sem que haja, muitas vezes, percepção consciente do processo.

O sistema denominativo dos índios do Brasil retrata o ecossistema na antroponímia e na toponímia; os colonizadores portugueses e espanhóis costumavam dar a homens e acidentes geográficos nomes de santos. Na América Portuguesa a toponímia de índole religiosa é abundantíssima, reflexo da Contra-Reforma e da herança do fator religioso da Europa Feudal, ainda dominante nos países católicos dos descobridores do século XVIII.

Não é incaracterístico, portanto, que os indígenas brasileiros identificassem na Via Láctea a luta entre o tamanduá e o jaguar sob o olhar do lobo e do escorpião, conforme desenho de Nimuendaju, reproduzido por Lévi-Strauss em *Do mel às cinzas*.



Figura 2. A luta entre o jaguar e o tamanduá

A importância das relações interculturais: o valor da conceptualização

Lévi-Strauss, estudando a constelação de Órion e a motivação de suas denominações em várias línguas ameríndias, nota agudamente ser a Plêiade, mais conhecida como Plêiades, “[...] um coletivo que engloba uma pluralidade de estrelas, mantendo-as indistintas [...]” (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257), o que corrobora a importância da informação relativa à denominação *enxame*, assinalada por Perrone-Moisés na nota de tradução acima-mencionada.

Os seres humanos reduzem e ampliam de forma seletiva traços caracterizadores dos fatos naturais, produzindo, com seu trabalho transformador, biofatos, sociofatos, psicofatos e manufatos; dessa forma cada etnia gera seu próprio universo antro-po-cultural. Esse processo de redução e ampliação seletiva dos traços caracterizadores dos fatos naturais é a “[...] conceptualização, que, em última análise, é o processo de conversão da substância de conteúdo em forma do conteúdo” (BARBOSA, 2009, s.n).

A conceptualização equivale, no entender de Barbosa, à axiologia (BARBOSA, 2009, s.n), sinônimo de ideologia, sistemas de valores de um grupo (étnico) social ou ainda a *imago mundi* mencionada por Lopes (2008, p. 17). É verdade que cada grupo étnico tem sua própria cosmovisão, mas é também verdadeiro o fato de que há entre grupos humanos relações interlinguísticas e interculturais.

Barbosa assinala que, apesar de ter cada comunidade sua própria cosmovisão peculiar, há cognições compartilhadas por várias comunidades (BARBOSA, 2009, s.n): é o caso específico das Plêiades, que as comunidades linguísticas de MS confundem com as Três Marias, e que podem ser denominadas em português *enxame*, como assinalado por Moisés-Perrone.

Lévi-Strauss, relatando que alguns grupos indígenas identificam a constelação de Órion com uma estrutura de madeira para secar mandioca (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257), enumera as denominações das Plêiades empregadas pelos sujeitos falantes de línguas indígenas, conforme referem os relatos dos viajantes.

Von den Steinen informa que, no contexto da constelação de Órion, as Plêiades [...] representam um punhado de farinha espalhado no chão (STEINEN, 1940, p. 461 apud LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257); os tupis do Nordeste, no testemunho de Abbeville, chamavam as Plêiades *Seychou* (ABBEVILLE, 1614, p. 461 apud LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257).

Von den Steinen, conforme Lévi-Strauss, registrou unidades lexicais tupi, foneticamente próximas de *seichu*, nomeadamente: *eischu* e *eiruçu*, cujo significado é enxame (STEINEN, 1940, p. 461 apud LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 257). Lévi-Strauss observa que:

Todas estas designações, sejam elas europeias ou americanas, remetem, portanto, ao mesmo contraste, diferentemente figurado: de um lado a Plêiade, as Cabritinhas (*lês Chevrettes*), a Gaiola do Pintinho (*La Poussinière*), os Periquitos, o Enxame das Abelhas [...], do outro, o Ancinho, ou o Cinturão (a Espada, o Escudo etc.) [...]. Ou seja, de um lado, designações reduzidas a um termo coletivo, que evoca uma distribuição mais ou menos aleatória de elementos mais ou menos próximos; e, de outro, termos analíticos, que descrevem um arranjo sistemático de elementos claramente individualizados, frequentemente manufaturados e objetos compósitos. (2004, p. 258)

Conclusões parciais

As analogias relevadas por Lévi-Strauss comprovam a passagem do universo da natureza ao universo antropono-cultural pela ação do trabalho transformador do homem: os gregos identificaram na constelação de Órion a figura do mítico caçador, elemento cultural herdado pelo homem do ocidente europeu. Os ameríndios interpretaram a mesma constelação como a representação de um produto do trabalho do homem, um manufaturado: a máquina de secar mandioca.

A Via Láctea era para o mundo grego o leite de Hera derramado pelos céus, e essa conceptualização foi herdada pela cultura europeia. Na mesma galáxia os ameríndios enxergaram a luta entre o tatu e o jaguar.

A diferente interpretação de um mesmo fato natural comprova a teoria de Barbosa, conforme a qual todos os grupos étnicos reelaboram o universo dos fatos naturais, gerando, cada um, seu próprio universo antropono-cultural e seu próprio universo de signos (BARBOSA, 2009), enquanto a mesma forma de representação das Plêiades como enxame de abelhas por duas culturas tão diferentes, evidenciada por Lévi-Strauss, abaliza o elemento de intercompreensão entre etnias assinalado por Barbosa (2009).

A nossa pesquisa de astrotoponímia está ainda na fase de levantamento de dados que possam proporcionar ulteriores elementos de discussão, mas, mesmo assim, parece-nos poder concluir, na esteira de Barbosa, que há co-existência de princípios de conceptualização comuns a todas as etnias e de princípios de conceptualização peculiares de cada etnia, individualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVESTRUZ. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 229.

BARBOSA, Maria Aparecida. Diversidade étnica: a multiconceptualização do mundo. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 61, Manaus, 12-17 de julho de 2009; Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, XLVII Encontro Nacional de Professores de Linguística, Manaus, 2009.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. *Filosofia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/>> Acesso em: out. 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992. 224 p.

EMA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 731.

FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. título do cap.?Considerações sobre o léxico. In: OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007. p. 251.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. cap. 3, p. 43.

LABORATÓRIO INTERNAZIONALE DI ONOMASTICA, Rion – Lion. Disponível em: <http://www.onomab.eu/content.asp?item=rion_it-14k> Acesso em: 22 jan 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. A Astronomia bem temperada. In: _____. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 4ª Parte, Cap. II, p. 255-258. (Mitológicas, v.1).

LOPES, E. Definição do campo. In: _____. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008. cap. 1, p. 15-19.

NOGUEIRA, Albana Xavier. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CAMINHOS E PERSPECTIVAS PARA A GEO-LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1996, Salvador. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 1996. p. 78.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). *ATLAS LINGUISTICO DE MATO GROSSO DO SUL (ALMS)*. Campo Grande, MS: UFMS, 2007. 271 p.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas linguísticos regionais. In: CUNHA, Cláudia de Souza. (Org.). *Estudos geo-sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006. p. 83-97.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística como ciência*. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961. p. 42-62

_____. Parte Introdutória: Linguagem e sua definição. In: _____. *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. cap. I, p. 16-18.

ULLMANN, Stephen. O Significado. In: _____. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação: Calouste Gulbenkian, 1987. cap. III. p. 161.

VORAGINE, Jacques de. *La Légende Dorée*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.books.google.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2009. Disponível em: <<http://www.wikipedia.fr>>. Acesso em: 10 out. 2009.